

RABISCOS DE UM ESCRIVINHADOR

(Nessa seção reproduzimos algumas das crônicas semanais publicadas pelo responsável por esta revista às quartas-feiras, no **Correio Popular**, de Campinas. Para identificação e referência bibliográfica, indicam-se as datas em que foram divulgadas).

131. PRESENÇA FRANCESA NO BRASIL

A presença francesa é uma constante em nossa história. Desde antes do descobrimento, quando navegadores da Bretanha andaram pelo Norte do Brasil, fazendo com que, até hoje, os franceses reivindicuem a prioridade no descobrimento de nosso território. Por toda a primeira metade do século XVI foram eles freqüentes nas costas brasileiras. Relacionando-se muito bem com os índios (melhor até que os portugueses), extraíram à vontade o pau-brasil, enviando para cá quantas naus e expedições puderam. A tal ponto que — pode dizer-se — recebeu-se num certo momento se o Brasil continuaria português ou passaria às mãos dos franceses. Traçaram eles os primeiros mapas e as primeiras descrições do nosso litoral. Tentaram, por duas vezes, uma ocupação definitiva: a primeira, na baía de Guanabara em meados do século XVI, e a segunda, no Maranhão, no início do século seguinte. Molestaram o Rio de Janeiro, no século XVIII, com duas poderosas esquadras.

Cessada a época das guerras e conquistas, passaram a influir poderosamente na cultura, nos costumes e no pensamento brasileiro. “Idéias francesas” aparecem predominantemente nos movimentos de rebelião do fim do século XVIII, na Revolução Pernambucana de 1817 e, mais tarde, na “Praieira”, em meados do século XIX. Dois príncipes franceses casaram-se com princesas brasileiras, aproximando, ainda mais, as duas nações. Ditaram a moda no Brasil, particularmente a feminina, estabelecendo-se no Rio de Janeiro e dominando a rua do Ouvidor, de memória tão bem evocada pelo velho Macedo. A língua francesa tornou-se mesmo, sem exagero, a segunda língua do país, e ninguém julgava completa sua cultura se não realizasse viagens à França ou ali vivesse por algum tempo.

Correntes do pensamento francês aparecem com freqüência entre a intelectualidade brasileira e influem, inclusive, e muito !, em nossa cultura. O próprio imperador (o segundo) as estimulava, pelas suas re-

lações constantes com intelectuais franceses. Colégios franceses tornaram-se responsáveis pela formação de muitas gerações de brasileiros. Sábios e viajantes franceses percorreram o Brasil, deixando sobre o nosso País obras preciosas, indispensáveis para o conhecimento de nossa terra: Saint-Hilaire, Suzannet, Castelnau, Biard, Coudreau, Crévaux, Debret, e muitos outros. Com a República, missões militares francesas instruem nossas forças armadas, da mesma forma que missões culturais francesas contribuem para a fundação de nossas primeiras universidades. A Academia Brasileira de Letras fundou-se à imitação da francesa e sua própria sede (a primeira) foi uma doação do governo francês.

Tudo isso veio-me à mente enquanto lia **Brasil-França ao longo de cinco séculos**, do General Lyra Tavares, há pouco editado pela Biblioteca do Exército. Livro muito bom, mas ainda falho em muita coisa que o autor deixou de lado. 2-10-1985

*

132. OS DOIS MELO MORAIS

No caso dos dois Melo Morais, poder-se-á dizer que o pai eclipsou o filho. O velho historiador alagoano (1816-1882) deixou uma obra que, se não é das mais brilhantes da historiografia brasileira, é, contudo, das mais úteis, pois soube fundamentá-la com excelente embasamento documental. Sílvio Romero criticou-lhe a falta de método. Era homem de arquivo, e, de posse de uma quantidade incrível de documentos, não soube, entretanto, dar-lhes o tratamento que uma boa metodologia exigiria. É ainda Sílvio quem diz que ele “se limitou quase a dar à estampa as riquezas que possuía”. Ainda bem que o crítico sergipano empregou um “quase que torna menos rigorosa sua observação.

A mais importante obra do velho Melo Morais — **História do Brasil-Reino e do Brasil-Império**, há pouco reeditada pela Itatiaia, de Belo Horizonte, na coleção “Reconquista do Brasil”, é quase um livro-fonte para o conhecimento das épocas que estudou. Daí sua utilidade e quase indispensabilidade.

O clássico **Dicionário Bibliográfico**, de Sacramento Blake, dedica cinco páginas ao arrolamento da obra do historiador alagoano, com mais de cinqüenta publicações, algumas em dois, três e até quatro volumes. Divide-se sua obra entre a medicina e a história. Esta sobrepuja aquela. Mas, convém recordar que ele foi um dos pioneiros da homeopatia no Brasil, tendo redigido na Bahia, entre 1850 e 1853, “O Médico do Povo”,

jornal destinado à propaganda da medicina homeopática. E o interesse pela homeopatia propiciou-lhe, ainda, publicar quase uma dezena de obras em defesa de seus princípios. Vale insistir, contudo, que é como historiador que seu nome é lembrado hoje.

Tal como o pai, o filho (1844-1919) também se formou em medicina e o primeiro trabalho que publicou, em 1876, foi precisamente a tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro a fim de validar seu diploma, uma vez que se diplomara na Bélgica. Mas nada mais escreveu sobre medicina. Preferiu dedicar-se ao jornalismo, com incursões pela poesia, pela arte e pelo folclore. A cultura dos ciganos despertou-lhe muito interesse e foi dos primeiros, senão o primeiro, a escrever sobre esses grupos nômades. Tanto quanto à do pai, Sílvio Romero valorizou-lhe a obra. Vale a pena ler o tópico final do prefácio que escreveu para as **Festas e Tradições Populares do Brasil**: "Por mais que tenha de ser acidentado o caminho do Brasil através dos tempos, quaisquer que tenham de ser as desilusões que o destino lhe reserve, a nossa raça há de sobreviver no futuro e quando os sonhadores do passado houverem de rastejar o fio de ouro de nossas tradições, os dois livros de Melo Morais não de ser chamados a depor, como documentos autênticos, porque neles vive a grande alma deste País. 7-8-1985.

*

133. O SEGUNDO MELLO MORAIS

Meu prezado amigo dr. Leibnitz T. Hovelacque, ilustre advogado de Poços de Caldas, propiciou-me a feliz oportunidade de conhecer raríssima obra, de cuja existência, confesso, nem sequer suspeitava: **Artistas do meu tempo**, de Melo Morais Filho. Livro de mais de oitenta anos, pois data de 1904, editado pelo velho Garnier. Além do que diz o título, contém o livro um estudo sobre Laurindo Rabelo. Mas, o que levou o bom amigo de Poços de Caldas a chamar minha atenção para o livro e até a, gentilmente, oferecer-me o raríssimo exemplar de sua biblioteca particular, foi o extenso estudo, que nele se insere, sobre o nosso Carlos Gomes. Confesso que nem imaginava que o autor baiano houvesse se ocupado do compositor campineiro. De fato, como pude verificar depois, raras são as referências a esse trabalho. É verdade que ele vem citado (e tal seria se não o fosse!) por Roberto Seidl no ensaio de bibliografia sobre Carlos Gomes publicado em o número especial da "Revista Brasileira de Música", comemorativo do centenário do autor de "O Guarani", transcrito em 1936.

Contudo, o texto de Melo Morais Filho continua praticamente desconhecido e esta circunstância está me estimulando a reproduzi-lo nas páginas da "Notícia Bibliográfica e Histórica", publicação do Departamento de História de nossa Universidade Católica. Mas, isto só para o próximo ano, que é quando se comemorará o sesquicentenário do nascimento de Carlos Gomes. Provavelmente, é o que poderei fazer para celebrar a efeméride que, desde já, está entusiasmando os campineiros. E será também uma forma de testemunhar ao dr. Leibnitz meu agradecimento pela sua gentileza.

Por ora, gostaria de recordar alguma coisa do segundo Melo Morais, que anda bastante esquecido. Poucos a ele se referem. E não fora uma recente reedição, pela Itatiaia, de Belo Horizonte, de suas **Festas e Tradições Populares**, nem teríamos o que o recordasse. Nascido na Bahia em 1844 (ou 43, segundo algumas fontes), informa Raimundo de Menezes que teve de lutar com enormes dificuldades no início de sua carreira, devido à ruína financeira do pai. Pensou no sacerdócio, chegando a cursar o seminário e receber ordens menores. Mas, decidiu-se pelo jornalismo e nesta qualidade conseguiu ir para Londres dirigir um jornal brasileiro que lá se editava. Da Inglaterra foi para a Bélgica, onde decidiu-se pelo curso médico. Retornando ao Brasil, apesar de defender tese para a validação de seu diploma, foi ao jornalismo que se consagrou até o fim de sua vida, em 1919. Interessado pelo folclore, escreveu um estudo sobre os ciganos no Brasil e as **Festas e Tradições**, já mencionadas, que publicou em 1888, com prefácio de Sílvio Romero. 14-8-1985.

*

134. GEÓLOGO E HISTORIADOR

Foi com bastante atraso que tive conhecimento da morte, no Rio de Janeiro, no dia 16 de outubro do ano passado, aos noventa anos de idade, de uma das grandes figuras da vida científica brasileira: o geólogo Alberto Ribeiro Lamego. Tive o privilégio de conhecê-lo em tempos que já vão bem longe, no antigo Serviço Geológico Federal. Lembrome de uma excursão por ele dirigida, e de que participei, pela Baixada Fluminense, na qual, cada parada do ônibus era motivo para verdadeira e magistral aula sobre uma região que ele conhecia como ninguém.

Escreveu muito, avançando algumas teorias e hipóteses nem sempre bem aceitas pelos seus colegas, mas que, inegavelmente, trouxeram valiosa contribuição aos estudos geológicos no Brasil. Entre elas, sua interpretação petrogenética das escarpas do Rio de Janeiro, que continuou sendo, ao longo dos anos, sua obra mais importante, mais discutida e, talvez por isto mesmo, mais empolgante.

Mas, Alberto Ribeiro Lamego, além da geologia, dedicou-se também aos estudos históricos sobre a terra fluminense. Aliás, teve a quem sair, pois era filho do historiador campista Alberto Lamego, autor de **A Terra Goitacá**, um dos grandes títulos da bibliografia histórica sobre o Rio de Janeiro. Era o velho Lamego possuidor de riquíssima biblioteca sobre o Brasil, que acabou, pouco após o seu falecimento, sendo adquirida pelo governo paulista para a então recém-fundada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, e que hoje se encontra incorporada ao acervo do Instituto de Estudos Brasileiros.

Com o exemplo paterno e o rico material que teve à sua disposição, o filho Alberto Ribeiro Lamego não pôde deixar de se interessar pelo passado de sua terra. Seu primeiro trabalho histórico, **Na planície do solar e da senzala**, é de grande valor para a história social da região de Campos. Mas foi, sobretudo, com a tetralogia **O homem e o brejo**, **O homem e a restinga**, **O homem e a Guanabara** e **O homem e a serra**, que o geólogo-historiador produziu sua grande contribuição à historiografia brasileira, notadamente fluminense. Nunca entendeu Lamego a geografia sem o apelo ao passado histórico; eis porque, em seus livros, as duas matérias caminham de mãos dadas.

É pena que seus quatro grandes livros tenham sofrido dos vícios das publicações oficiais, quse sempre de difícil e às vezes impossível acesso a tantos interessados pelos seus fascinantes temas. Tiragem reduzida, não vendidos em livrarias, distribuídos apenas aos que têm bom relacionamento com as instituições que os editaram, ficaram fora do alcance de muitos — professores e estudantes — que tanto poderiam aproveitá-los. Nem sei se ainda serão encontráveis em algum lugar, a não ser naturalmente, em bibliotecas especializadas. 8-1-1986.

135. HISTORIADOR HOMENAGEADO EM CALENDÁRIO

Um dos maiores nomes da historiografia brasileira — sabem-no todos os que se dedicam a estudos históricos — foi o pernambucano Oliveira Lima (1867-1928). Deixou obra numerosa e valiosa. Desde **Pernambuco, seu desenvolvimento histórico**, publicado em 1894, até suas memórias que só vieram a público quase dez anos após seu falecimento, inserem-se em sua produção títulos valiosíssimos de nossa bibliografia his-

tórica. Entre outros, **O reconhecimento do Império, O movimento da Independência, Formação histórica da nacionalidade brasileira e D. João VI no Brasil**, certamente sua obra máxima. Publicou, ainda, um manual de **História da Civilização** (creio ter sido o primeiro autor brasileiro a usar este título para o que, até então, se denominava **História Universal**), manual, para mim, até hoje não superado. Reeditou, com anotações a grande obra de Moniz Tavares sobre a Revolução Pernambucana de 1817. Proferiu inúmeras conferências no exterior sobre temas de cultura brasileira.

Escreveu sobre o Japão e sobre a Argentina. Levantou um catálogo de documentos de interesse para o Brasil existentes no Museu Britânico. Interessou-se pelo ideal panamericano. No desempenho de funções diplomáticas, esteve em diversos países, e no fim da vida fixou residência nos Estados Unidos, proferindo cursos em várias universidades americanas. Acabou doando à Universidade Católica de Washington sua riquíssima biblioteca.

Afinal, por que Oliveira Lima? Por algo muito significativo: acabo de tomar conhecimento do **Calendário histórico do Recife** para o corrente ano, iniciativa da Secretaria de Cultura da capital pernambucana, publicado sob a direção de Ulysses Pernambucano de Melo Neto, calendário todo ele consagrado a Oliveira Lima. Não só as doze folhas do ano reproduzem belas fotografias de diversas fases da vida do historiador, como, ainda, foi aposto ao álbum magnífico ensaio sobre “Oliveira Lima e o Recife”, da lavra de Fernando da Cruz Gouvêa, aliás especialista em Oliveira Lima, a quem dedicou profundo estudo em três alentados volumes. Nada mais natural fosse ele próprio, a quem, aliás, devo a gentileza da oferta do belo álbum, o convidado a redigir o texto do calendário. E o fez com a precisão e mestria já demonstradas em muitos outros trabalhos. A registrar-se, ainda, a preocupação de selecionar, mês a mês, as principais efemérides pernambucanas.

Creio ser a primeira vez que, no Brasil, um historiador “cai no domínio público”, tornando-se motivo de um calendário. A beleza das fotografias, o cuidado da impressão e o texto valioso de Cruz Gouvêa tornam esta publicação merecedora de aplausos e de cumprimentos à entidade que a promoveu. (29-1-1986)

*

*

*